

Estado da publicação: O preprint não foi submetido para publicação

O CORPO E A GEOPOLÍTICA DA TECNOCOLONIZAÇÃO,
TECNOCOLONIALIDADE DO CORPO NA ARTE, NA CULTURA E
NA EDUCAÇÃO! (2ª PARTE)

Marcos Antônio Bessa-Oliveira

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6399>

Submetido em: 2023-07-10

Postado em: 2023-07-13 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

O CORPO E A GEOPOLÍTICA DA TECNOCOLONIZAÇÃO, TECNOCOLONIALIDADE DO CORPO NA ARTE, NA CULTURA E NA EDUCAÇÃO! (2ª PARTE)¹

THE BODY AND THE GEOPOLITICS OF TECHNOCOLONIZATION,
TECHNOCOLONIALITY OF THE BODY IN ART, CULTURE AND EDUCATION!
(2ND PART)

EL CUERPO Y LA GEOPOLÍTICA DE LA TECNOCOLONIZACIÓN,
¡TECNOCOLONIALIDAD DEL CUERPO EN EL ARTE, LA CULTURA Y LA
EDUCACIÓN!
(2ª PARTE)

Marcos Antônio Bessa-Oliveira²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4783-7903>

[<marcosbessa@uems.br>](mailto:marcosbessa@uems.br)

RESUMO

O “conceito” de tecnocolonialidade (2020) vem sendo “definido” epistemologicamente em partes porque a reflexão tem como premissa uma discussão maior que contempla o corpo na sua totalidade tecnológica contemporânea que também considera entendimentos diferentes da e sobre a tecnologia. A primeira ideia da formulação epistêmica sobre a tecnocolonialidade acerca-se da condição geopolítica da tecnologia que nos foi colocada como premissa fundamental da existência atual do corpo humano. Enquanto o corpo consciente da tecnocolonialidade é o corpo que reconhece o papel de colonização/colonialidade contemporâneo imposto aos corpos pela exigência da utilização da tecnologia como único modo de sobrevivência. Entretanto, neste caso, o corpo que não se quer tecnológico, também não se quer colonizado pela tecnologia (tecno(lógico)), ao certo não vai se permitir sobreviver apenas se submisso à tecnocolonialidade, portanto, é um corpo consciente da geopolítica imposta, especialmente, pelo projeto de universalização técnica e por isso não se submete à existência apenas se *partícipe* da tecnologia. Considerando isso e levanto em conta também a primeira parte já exposta em que tive que evidenciar as políticas “econômica da morte” e do “ódio” (2020a) do último Governo Federal que destratarem a pandemia, esta segunda parte abordará diretamente a tecnocolonialidade no corpo da arte na contemporaneidade como artifício de colonização. Para subsidiar esta construção epistemológica me valerei dos debates pós-modernos (contemporâneos) acerca dos corpos artísticos tecnológicos, que compreendem o corpo necessariamente vinculado à tecnologia para a produção; usarei também das

¹ Este texto está vinculado a um Projeto de Pesquisa intitulado “PRÁTICAS CULTURAIS LATINO-FRONTIARIAS: ARTES DE “PAISAGENS”, SILÊNCIOS E APAGAMENTOS EM CENA NA CULTURA SUL-MATO-GROSSENSE”, cadastrado na Divisão de Pesquisa/PROPP/UEMS, sob o protocolo 277652.1602.1343.05012022, e é vinculado ao Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq.

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada como durante o “III Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult” realizado em Novembro de 2020, Online, e teve aquela versão publicada nos “Anais | III Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult” - Novembro de 2020, Online | semlacu.it como “Artigos Completos”.

² Pós-doutor em Estudos de Linguagens (FAALC-UFMS); Doutor em Artes Visuais – Fundamentos Teóricos – IA-UNICAMP. Professor na UEMS (Graduação em Artes Cênicas, Dança e Teatro e no PROFEDUC) e Coordenador do NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; marcosbessa@uems.br.

discussões modernas que classificaram os corpos não europeus. Acorando essas abordagens estará uma episteme descolonial pela perspectiva crítica *biogeográfica* fronteiriça para desvincular corpo e tecnologia como possibilidade de convivência entre as diferenças coloniais na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Arte. Corpo. Tecnologia. Geopolítica.

ABSTRACT

The “concept” of technocoloniality (2020) has been epistemologically “defined” in parts because the reflection is premised on a larger discussion that considers the body in its contemporary technological totality that also considers different understandings of and about technology. The first idea of the epistemic formulation of technocoloniality is about the geopolitical condition of technology that has been posited as a fundamental premise of the human body's current existence. While the body that is aware of technocoloniality is the body that recognizes the role of contemporary colonization/coloniality imposed on bodies by the requirement to use technology as the only mode of survival. However, in this case, the body that does not want to be technological, also does not want to be colonized by technology (techno(logical)), for sure it will not allow itself to survive only if it submits to technocoloniality, therefore, it is a body aware of the geopolitics imposed, especially, by the project of technical universalization and therefore it does not submit itself to existence only if it participates in technology. Considering this and also taking into account the first part already exposed in which I had to highlight the “economic of death” and “hate” (2020a) policies of the last Federal Government that de-treated the pandemic, this second part will directly address the technocoloniality in the body of art in contemporaneity as an artifice of colonization. To support this epistemological construction I will draw on postmodern (contemporary) debates about technological art bodies, which understand the body as necessarily linked to technology for production; I will also use modern discussions that have classified non-European bodies. Anchoring these approaches will be a decolonial episteme by the critical biogeographic border perspective to unlink body and technology as a possibility of coexistence between colonial differences in contemporaneity.

KEYWORDS: Education. Art. Body. Technology. Geopolitics.

RESUMEN

El “concepto” de tecnocolonialidad (2020) ha sido epistemológicamente “definido” por partes porque la reflexión se basa en una discusión más amplia que considera el cuerpo en su totalidad tecnológica contemporánea que también considera diferentes entendimientos de y sobre la tecnología. La primera idea de la formulación epistémica sobre la tecnocolonialidad se refiere a la condición geopolítica de la tecnología que se nos ha planteado como premisa fundamental de la existencia actual del cuerpo humano. Mientras que el cuerpo consciente de la tecnocolonialidad es el cuerpo que reconoce el papel de la colonización/colonialidad contemporánea impuesta a los cuerpos por la exigencia de utilizar la tecnología como único modo de supervivencia. Sin embargo, en este caso, el cuerpo que no quiere ser tecnológico, tampoco quiere ser colonizado por la tecnología (tecno(lógico)), seguro que no se permitirá sobrevivir sólo si se somete a la tecnocolonialidad, por lo tanto, es un cuerpo consciente de la geopolítica impuesta, especialmente, por el proyecto de universalización técnica y por lo tanto no se somete a la existencia sólo si participa de la tecnología. Considerando esto y también teniendo en cuenta la primera parte ya expuesta en la que tuve que destacar las políticas de “economía de muerte” y “odio” (2020a) del último Gobierno Federal que trató la pandemia, esta segunda parte abordará directamente la tecnocolonialidad en el cuerpo del arte en la contemporaneidad como artificio de colonización. Para apoyar esta construcción epistemológica me basaré en los debates posmodernos (contemporáneos) sobre los cuerpos tecnológicos del arte, que entienden el cuerpo como necesariamente ligado a la tecnología para la producción; también utilizaré las discusiones modernas que han clasificado los cuerpos no europeos. El anclaje de estos enfoques será una episteme decolonial a través de la perspectiva de la frontera biogeográfica crítica para desvincular cuerpo y tecnología como una posibilidad de coexistencia entre las diferencias coloniales en la contemporaneidad.

PALAVRAS-CLAVE: Educación. Arte. Cuerpo. Tecnología. Geopolítica.

1 INTRODUÇÃO – CORPO E TECNO(LÓGICA) DA (COLONIALIDADE)

Primeiro, a **lógica da colonialidade** (ou seja, a lógica que sustentava os diferentes âmbitos da matriz) **passou por etapas sucessivas e cumulativas que foram apresentadas positivamente na retórica da modernidade**: especificamente, nos termos da **salvação**, do **progresso**, do **desenvolvimento**, da **modernização** e da **democracia**. **A etapa inicial dispôs a retórica da modernidade como salvação**. A salvação era focada em salvar almas pela conversão ao cristianismo. **A segunda etapa envolveu o controle das almas dos não europeus através da missão civilizatória fora da Europa, e da administração de corpos nos Estados-nações emergentes através do conjunto de técnicas que Foucault analisou como a biopolítica**. Assim, a colonialidade era (e ainda é) a metade complementar e perda da biopolítica. Essa transformação da retórica da salvação e da lógica do controle se tornou prevacente durante o período do Estado-nação secular. **A teopolítica transformou-se em egopolítica**. (MIGNOLO, 2017, p. 8, grifos meus).

Assisti esses dias na TV aberta brasileira (em julho se não me engano) a mais um dos já “clássicos” filmes de Arnold Schwarzenegger, muitos inclusive reprisados várias vezes, que a mim se apresentou como “novo”, “O Exterminador do Futuro – A Salvação”, lançado no Brasil em 5 de junho de 2009, ambientado no futuro tecnológico da robótica como era práxis nos filmes da série “Exterminador”.³ O curioso deste filme, especialmente no momento pandêmico, foi que a ambientação dessa edição de 2009 de “um exterminador” no futuro se dava no ano de 2018 como sendo o futuro catastrófico do mundo sob o domínio das máquinas tecnológicas controladas pela *Skynet* ali desgovernada do controle do homem. Até aí nenhuma novidade em relação ao enredo dos filmes da série ilustrada pela força bruta do ator austríaco que sempre encarnava uma espécie de máquina da bondade que salvava o mundo do domínio das máquinas robóticas que queriam destruir o futuro do planeta Terra representado na pessoa da personagem *John Connor*.

A retórica do filme assim como a retórica da modernidade versavam e versam, cada qual em seu tempo – histórico e futurística (já passados) –, no domínio do controle sobre corpos (humanos, claro): no caso da modernidade do controle desse corpo para controlar a subjetividade humana, enquanto na situação do filme a ideia demonstrava o descontrole do homem sobre algo que teoricamente ele próprio tenha criado para controlar: a tecnologia robótico-personificada na *Skynet*. Portanto, a aproximação entre um e outro, neste contexto, me é evidente porque estão ambos querendo um controle que se descontrola exatamente pela diferença de existência das criações – homem e máquina, subjetividade e tecnologia, sujeito-centro-criador, sujeito-periferia-criação – de corpos diferentes. Mas isso é uma questão que volto a ela já que corpo “tecno(lógico)” e corpo

³ Não é de se estranhar, mas o filme continua passando até hoje como um filme “inédito” em canais até da TV “fechada” – chamada assim porque é paga a partir de assinaturas que deveriam ser de canais que apresentam lançamentos de várias naturezas –, e, por isso, o filme assistido naquele momento da escrita deste texto (2020) poder-se-ia se dar nos dias de hoje caso não tivesse assistido até hoje. Logo, quero dizer com isso que o texto parece continuar sistematicamente atualizado em relação à tecnologias fílmicas ainda que passado já quase 3 anos da minha assistência.

subjetivo na arte, na cultura e na educação me serão essenciais nas discussões que colocarei em evidência neste texto que quer tratar da situação do corpo tecnológico na cultura.

Entretanto, a ambientação do filme com o/do mundo já controlado por máquinas decorrer no ano de 2018, diferente dos anteriores em que as máquinas “ainda” tentavam o controle, me alertou para a ideia sempre fixa do homem em tentar descobrir quando teríamos o mundo controlado por máquinas(?). As edições anteriores também já traziam tal premissa como tema. Mas nos anos dos lançamentos de cada filme do gênero nunca me preocupava com tal possibilidade como situação efetiva. O gênero ficção científica é uma constante em todos os âmbitos e ambientes artísticos – dos mais tradicionais suportes aos mais contemporâneos (nos seus tempos) – a fim de deflagrar a ideia de um mundo sob controle, de alguma forma, por espécies diferentes ou por máquinas, controlados primeiro por humanos, que depois aqueles acabam por assumir o controle.⁴ Também até aí nenhuma grande novidade em se tratando de tema e enredo de obras de qualquer natureza técnica de ficção científica. Menos ainda são inusitados certos pontos quando se “assiste” a esse gênero de obra sendo um jovem. Contudo, quando pensamos na tecnologia como recurso/necessidade ao corpo humano atualmente, em pleno século XXI, enfrentamos uma grande questão: quando se cria a lógica de ter que ter um corpo tecnológico como necessidade humana?

De certo modo, no caso da colonização dos corpos humanos, compreendida desde o nascimento da figura do Salvador cristão (ano 1), é possível dizer que não falamos de ficção, ainda que também isso não era uma preocupação na juventude, menos ainda de um passado que se prendeu no tempo, mas podemos dar certeza da Sua permanência na atualidade e quiçá algo para o futuro ainda até longínquo. Quer dizer, “[...] a título de clarear nossas ideias escurecidas sobre outras histórias naturais possíveis, até o ano 1 – nascimento do Cristo Salvador (TARSIA, 1995) – tudo que antecede é situado em histórias que hoje, na contemporaneidade, ainda são bases para a História que conhecemos do Continente Europeu” (BESSA-OLIVEIRA, 2020a, p. 31). Logo, são histórias construídas com base no controle dos corpos das diferenças – mais especificamente no caso de nós brasileiros, dos corpos indígenas e dos corpos africanos para cá trazidos – para manter a linearidade da subjetividade de corpos controlados que “não se rebelam”.

Neste sentido, o da questão apresentada em relação ao controle tecnológico do corpo humano hoje, não o do gênero ficção científica como uma incógnita da maturidade, e retomando a epígrafe aqui aposta do texto de Walter Mignolo que apresentou duas etapas fundantes da colonialidade pela colonização. Penso que no agora, tanto a lógica de mundo sob controle da tecnologia, assim como a noção de corpo que obrigatoriamente se vincula a tecnologia como sobrevidas estão para “A terceira etapa – a etapa que continua hoje – [que] começou no momento em que as corporações e o mercado se tornaram dominantes, a biotecnologia substituiu a eugênica,

⁴ Sobre isso, o que naquele momento de redação deste não estava e agora está, a novidade é a preparação da “3ª parte” destes que querem ser uma discussão mais ampla sobre “GEOPOLÍTICA DA TECNOCOLONIZAÇÃO, TECNOCOLONIALIDADE DO CORPO NA ARTE, NA CULTURA E NA EDUCAÇÃO” a partir da “Era” virtualização corpográfica em redes sociais.

e a publicidade (bombardeando a TV, as ruas, os jornais e a internet) deslocou o rádio” (MIGNOLO, 2008, p. 8). Imediatamente, portanto, talvez seja possível dizer que o controle sobre os corpos se funda no advento da ocidentalização/colonização do mundo. Mas o controle tecnológico do corpo é fundamentado na ideia de cristianização do corpo.

Do mesmo modo, em uma matéria veiculada há 11 anos, apesar de acessá-la apenas bem mais recentemente, intitulada “Cientistas preveem interação entre Andróides e Humanos em 50 anos” (SITEMEIOBIT, 2020, on-line), vê-se que nos primórdios do século XXI a incógnita da Terra como mundo tecnológico ainda era uma constante dúvida e necessária indagação das pesquisas que querem até então descobrir como o corpo porta-se em relação ao uso ou desuso das tecnologias. Como bem ilustra o título da matéria, a questão prevê a interação mais efetiva entre homem e tecnologia já considerando a existência do corpo andrógeno como corpo tecnológico que se relaciona ao corpo humano como ainda o reconhecemos: de carne e osso. No caso da matéria a discussão está baseada na relação entre emoções andrógenas artificiais, claro, e as emoções humanas enquanto possibilidades de convivências entre essas diferenças inteligentízia-emocionais. De certo modo, a proposição da matéria, que está para um futuro de cerca de 40 anos ainda, fazia uma previsão, mesmo que bem menos catastrófica, igualmente relacionada ao filme, “O Exterminador do Futuro – A Salvação” (2009), de um mundo das/de máquinas.

Por outro lado, imediatizado pela condição de pandemia do novo coronavírus – da COVID-19 (2019-2020) – o mundo se viu, mais ainda, submerso à questão da tecnologia como recurso fundamental para a continuidade da vida, na arte, na cultura e na produção de conhecimentos que me interessam mais aqui, mas também na economia, na produção e na oferta de bens, serviços e produtos e até nas políticas estatais em relação à saúde, segurança e na economia que, de modo menos direto, também estão presentes na discussão. Tudo, de um momento para outro, passou a girar e depender, de certa forma, da tecnologia! Pior, tudo, também de imediato, passou a depender sempre de uma tecnologia específica diretamente de algum modo: seja para a alimentação, por exemplo, com os pedidos de comidas por meio de aplicativos por internet ou telefone que dependem da entrega. Sejam também as produções artísticas que se voltaram para o fazer de dentro de casa e por isso tornaram-se mais tecnológicos. Sejam igualmente as práticas docente e discente ou as práticas profissionais, no todo, pelo trabalho remoto de dentro das casas, que tiveram que ser continuados por meio do uso de telefones, computadores, rádios, TVs com a exigência do uso de equipamentos tecnológicos avançados ou por meio de acessos rápidos às tecnologias colocadas pela internet.

Tudo isso acabou por efetivar-se como o “presente-no-futuro” tecno(lógico), já tardio do filme, e de evidenciar, de modo muito “transparente”, o quão as tecnologias nos de-limitaram a vida cotidiana faz muito tempo.⁵ Mas que, certamente, do mesmo jeito trouxe à tona, o que a pandemia acabou por expor de modo muito caótico, o quanto a tecnologia é, claramente, direito de poucos,

⁵ De algum modo, evidentemente sem em hipótese alguma reduzir os efeitos da pandemia, esta serviu para mostrar (ou escancarar, palavra usual no contexto pandêmico) a nossa subserviência às tecnologias.

dever para alguns, desejos de vários, mas inacessível para milhões de milhares de pessoas no mundo todo e, mais, inclusive, no Brasil periférico e despreparado tecnologicamente. A pandemia mostrou para ao Brasil todo como estamos muito catastróficamente longes de termos o direito de ter acessos às tecnologias. E é nesse sentido que a tecnologia extrapola a lógica exclusivista de equipamentos eletrônicos ou de ambientes virtuais ou mesmo às ideias de que a tecnologia é um recurso complementar confortável aos corpos das diferenças na arte, na cultura ou na produção de conhecimentos para o presente contemporâneo ou ainda ao futuro próximo e de médio prazo ou também em longo prazo se continuar a atual situação de (não) termos acessos às tecnologias no futuro.

Logo, é preciso discutir muito, mas muito mesmo, o uso das tecnologias na Educação brasileira. Não só agora por causa da pandemia. Mas de modo geral já que entra e sai Governos (Federal, Estadual ou Municipal) e a tecnologização da Educação é pauta de campanha política eleitoral (nem vou falar agora quando do mau uso dessa). Não basta se tecnologizar – aceitar a tecnocolonização já imposta ao corpo desde sempre – é preciso discutir a tecnocolonialidade como um processo de submissão (a quem acessa) e de exclusão infinitamente maior a quem não tem nenhum (melhor ou pior também) acesso às tecnologias (BESSA-OLIVEIRA, 2020). (BESSA-OLIVEIRA, 2020a, p. 69, N.A.).

A tecnocolonialidade no corpo brasileiro, por exemplo, evidencia-se em um corpo que experimenta a colonialidade tecnológica pelo uso e pelo desuso das tecnologias na sua ampla abrangência. Ampla porque tudo hoje se faz tecnologia necessária aos corpos e, igualmente, uso e desuso considerando o acesso e a falta de acessos às tecnologias várias. Mas é claro que não somente o corpo brasileiro é esse corpo “tecno” lógico dependente, pois os corpos excluídos dos acessos às diferentes tecnologias em múltiplos contextos vivenciam o desacesso à tecnologia como um corpo tecnocolonizado. Assim, esses corpos experimentam e vivenciam – por isso experivenciam – cotidianamente a condição de corpo que deve viver tecno(lógico), os corpos que têm a condição tecnológica como premissa; ou devem ser corpos que se subjugam à tecnocolonialidade, pois ainda que não tendo “se viram” para experivenciar à tecnologia de qualquer forma; ou ainda são corpos em que a tecnocolonialidade lhes é imposta como a única condição de sobrevivência no contexto da tecnologia dominante para acessarem ao mercado de trabalho, às “políticas” econômicas estatais ou ainda às inexistentes “políticas” de arte, de culturas e de acessos aos conhecimentos. Dessa forma, esses corpos que são obrigados a sobreviverem hoje a situação da tecnocolonialidade, de qualquer forma, são corpos destinados ao trabalho sem qualquer direito de prazer do ser-corpo sem tecnologias.

Assim, portanto, precisamos falar de tecnocolonialidade como condição, antes de qualquer coisa, ao invés de tecnologia como recurso em contextos em que os Estados-nações não garantem acessos às tecnologias. Haja vista que não temos sequer, na generalidade do caso da sociedade brasileira, acesso decente às tecnologias mais simples. A tecnocolonialidade também em evidência com a pandemia, graças ao fundamental uso da tecnologia como único recurso para a continuação de muitas coisas (serviços) – para não dizermos da obrigação do recurso tecnológico como forma de sobrevivência à COVID-19 –, por exemplo, na educação, acabou por mostrar nossa enorme deficiência e a ineficiência das políticas públicas (inexistentes do Estado brasileiro) em relação à disseminação/proposição

do uso e desuso da tecnologia como recurso aos corpos. Nesse sentido, portanto, a tecnologia é, de modo muito geral, no contexto brasileiro, um impedimento do acesso à vários dos recursos dispostos pela própria tecnologia desenvolvida, no passado, no presente e para o futuro (na colonização ou no contexto do filme ou da matéria expostos antes), para os corpos que são, de algum modo, controlados pelas tecnologias: pior, usando ou não usando-as.⁶

Por isso percebamos a tecnologia que se colocou como artifício necessário aos corpos humanos desde a ideia de Idade da Pedra – inserida ao catálogo de Eras: Clássica, Moderna, Pós-moderna e Contemporânea – em que o corpo precisou descobrir mecanismos de sobrevivência/proteção em contextos diversos desde o rupestre; compreendamos que a tecnologia que veste aos corpos, por conseguinte, é uma tecno(lógica) constituída pelo advento da cristianização do corpo humano tornado pecado;⁷ bem como precisamos ter consciência de que a tecnologia acercou-se no Ocidente por meio de ser o artifício fundamental para a existência do corpo enquanto corpo social. Compreendo isso acordado da ideia de que os corpos sob esse controle das tecnologias múltiplas aqui percebidas, para além de equipamentos eletrônicos ou recursos virtuais (com o advento da internet, por exemplo), impera, além disso, na colonização da subjetividade pela vinculação do corpo a qualquer tipo de tecnologia como fundamental. Assim, a primeira questão do corpo relacionado às robóticas ou androgenias, colocada no filme que já é passado faz 14 anos ou que já tem o seu futuro (2018) bastante atrasado, evidencia-se hoje enquanto curiosidades que delimitam o corpo submerso à tecnologia como mais uma classificação racial/étnica e social. Haja vista que os corpos desprovidos das tecnologias já no passado continuam sendo os mesmos corpos sem acessos às tecnologias contemporâneas: eletrônicas ou virtuais, mas também das tecnologias da saúde, da segurança e da educação.⁸

⁶ A discussão sobre a tecnocolonialidade considera que a tecnologia não é acessível à grande maioria das pessoas na sociedade brasileira. Na verdade, é-se de duvidar se no contexto brasileiro alguém, mesmo com posses, acessa de fato à tecnologia considerando a falta de algumas das suas necessidades vez ou outra: equipamentos de ponta, redes de alta velocidade, domínio dos equipamentos, etc. Neste caso, por isso, não falo de tecnologia como recurso aos corpos. Igualmente, para a discussão acerca dessa questão da tecnocolonialidade, levo em consideração que o Estado-nação brasileiro sempre foi muito falho na proposição da tecnologia como recurso, entretanto sempre defendeu, defende e acho que defenderá a tecnologização dos sistemas – na educação, na saúde, na economia e em outros setores da administração pública brasileira – sem considerar, por conseguinte, a tecnologia como esse sistema de colonialidade: logo, tecnocolonialidade de corpos que acessam ou não acessam à tecnologia.

⁷ É neste sentido que falo do cristianismo como a primeira das tecnologias imposta aos corpos. Pois, antes de “simplesmente” ser um agasalho aos corpos em tempos de temperaturas mais baixas, as vestes hoje impostas, cada vez mais elaboradas, são, antes de tudo, impedimento dos corpos nus: como eles vieram ao mundo e como eles são e se tornaram graças ao mundo.

⁸ Do mesmo jeito penso que é a necessidade em descobrir como implantar um lado emocional (humano) nas máquinas que continuam sendo uma curiosidade em peso e medida iguais ao tentar robotizar corpos humanos para que esses produzam com qualidades iguais ou superiores àqueles. Nesse sentido, essa discussão apesar

Neste caso, bem mais recentemente, penso que também pelo advento da pandemia, o corpo humano continua sendo investigação da relação com a tecnologia robótica. Primeiro pela existência, neste contexto, da necessidade de isolamento que estabeleceu para muitos o trabalho remoto desenvolvido de dentro das casas dos próprios funcionários ou o trabalho em situação de quadro reduzido a menos de 50% no caso de algumas empresas de portes médio ou grande e daquelas que têm porte muito grande. Já no segundo caso, relação que vem sendo construída há muitos anos, talvez séculos – desde a industrialização do mundo ocidental –, compreendo que a união máquina e homem é uma certeza construtiva em andamento e em muitos casos efetivada na arte, na cultura e na produção de conhecimentos (nos fazeres artísticos, nas culturas letradas e na produção técnico-científica) a fim de imperar sobre as diferenças, que implementa a máquina em substituição ao corpo homem/mulher. Refiro-me, neste último caso ilustrativo, a uma matéria publicada no dia 17 de agosto de 2020, sob o título de “ROBÔS ENTRE O BEM E O MAL. Humanoides devem prolongar nossa marca na Terra. Haverá espaço para criador e criatura no futuro?”, cujo conteúdo circula a propósito da preocupação das máquinas robóticas “afetivas” ocuparem os espaços de humanos nos trabalhos tornados “fundamentais” aos corpos humanos.

A computação afetiva tem como objetivo incluir inteligência emocional nas máquinas — seja em robôs físicos, como Sophia, ou via software, em assistentes usados em smartphones. Máquinas são boas em efetuar cálculos e em realizar uma ou outra tarefa, mas não sabem se você está triste ou estressado. Acredita-se que, com a tecnologia entendendo melhor o contexto, poderá desenvolver algum senso de humanidade.

Uma série de estudos mostram que a computação afetiva pode ajudar no tratamento de crianças autistas, no cuidado com idosos para evitar a depressão, na educação ou mesmo na segurança ao dirigir (alguns fabricantes de carros contam com sensores que emitem um alerta se um motorista está sonolento). (TAGIAROLI, 2020, on-line).

Agora, seja pela necessidade do trabalho com a tecnologia ou por meio dela, seja pela construção de uma possível relação afetiva entre humano e máquina, o mundo está, mais que nunca, considera-se para isso também o estado de pandemia presente (num passado não distante) e os prováveis futuros por virem (em médio prazo certamente), submisso a tecnocolonialidade e esta é, cada vez mais, uma certeza para os corpos e igualmente para as subjetividades. No início a cristianização controlava a subjetividade pelo domínio do corpo estabelecendo-o como pecado que só deve ser compreendido nas dicotomias homem *contra* mulher, corpo *contra* alma, entre outras, desde a crucificação do Salvador, que são binarismos que estabelecem controles até para os corpos Pré-históricos e

de importante (sobre humanizar a tecnologia) para a ciência tecnológica mundial, não passa, neste contexto de discussão, de um ideário político colonial capitalista comercial financeiro à medida que milhões de corpos sequer conseguem, por exemplo, ter acesso a uma educação tecnológica como estamos sendo obrigados a oferecer. Pior, inclusive, naquele contexto de 2019-2022, sem o apoio do Estado-nação brasileiro que deveria ser o maior patrocinador do direito ao acesso à Educação de qualidade com equidade.

que mais tarde constituíram-se razão *contra* emoção. Do mesmo modo, os corpos passaram a ser tecnocolonizados à medida que são controlados subjetivamente por esses binarismos cristãos que têm, no poder das tecnologias alheias aos corpos (desde a pedra até a robótica ou a androgenia, usando roupas ou metais), por meio das classificações de raça/etnia e social do corpo da diferença, o controle que consolidou na atualidade a subordinação do corpo humano à tecnologia como sendo fundamental.⁹

É certo que está nesse controle da subjetividade o controle do corpo. Certamente também o é que o controle da subjetividade se dá à medida que o corpo controlado pelo uso da tecnologia como condição – tecnocolonialidade desses corpos por meio do uso inconsciente das tecnologias – sobrevive condicionado como corpo sob esse controle tecnológico. Quer dizer então que o corpo colonizado é um corpo que vive desde sempre, no caso de nós Latino-americanos, por exemplo, sob a condição de corpo constituído como corpo colonial controlado. Pois fomos controlados pela subjetivação ao cristianismo. Do mesmo jeito, um corpo “tecno(lógico)” é um corpo que se condiciona ao uso da tecnologia sem consciência dessa. Logo, por certo então, o corpo tecnocolonizado, o corpo que sobrevive à tecnocolonialidade pode ser tanto aquele consciente dessa tecnologia como imposição, do mesmo jeito é o corpo que se compreende indisponível para a tecnologia como condição de convivência. Haja vista que a colonização, a tecnologia ou a tecnocolonialidade são aparatos dos controles dos corpos, mas, colonização e tecnologia são colocadas como condição de vidas enquanto a tecnocolonialidade é imposição às vidas/corpos que não se querem tecnocolonizados ou colonizados e menos ainda tecno(lógicos).

Por isso, venho dar visibilidade ao corpo primitivo contemporâneo apresentando-o como produtor de arte, cultura e conhecimento *outros*, ressignificando a visão estereotipada de corpo obediente sobre os corpos que habitam a contemporaneidade. Promovendo uma reflexão que te leve a desprender-se da ideia imposta de corpo submisso à tecnologia, não negando a tecnocolonização, mas estimulando uma consciência de que para ser um corpo contemporâneo é necessário questionar, repensar e reconfigurar o pensamento pós-moderno que impera sobre nossos corpos. (RODRIGUES; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 14-15).

Logo, quero entender que quando Walter Mignolo diz que a *colonialidade era (e ainda é) a metade complementar e perdida da biopolítica* é porque essa complementa àquela à medida que considera a existência de políticas estatais para os corpos que não são contemplados por essas supostas políticas ainda hoje. Por conseguinte, no caso aqui das

⁹ Diferentemente de qualquer lógica discutida hoje, de “colonialidade do saber”, “colonialidade do poder” ou “colonialidade do ser”, além das “colonialidades” políticas e econômicas que reverberam no sentir e no fazer, a tecnocolonialidade (e/ou tecnocolonização e “tecno(lógica)” ou tecnológica) são intrínsecas à todas essas situações: ao saber, do poder, aos seres, aos corpos e às subjetividades que têm que sobreviver às economias e políticas. Pois, evidentemente, desde sempre estamos sobrevivendo à égide da tecnologia como suposto recurso de salvação aos corpos não tecnológicos ou não tecnocolonizados. Portanto, tecnocolonialidades estão para a vida e sobrevivência de corpos colonizados ou não desde sempre.

discussões, me refiro a qualquer política tecnológica que se estabeleceria em função da proteção e consideração dos corpos por seguramente serem das diferenças. Assim, penso ainda segundo Mignolo que *a teopolítica transformou-se em egopolítica* primeiro porque a teopolítica colonizou as subjetividades para, por meio do en-cobrimento (Dussel, 1993) dos corpos supostamente descobertos (nus que foram vestidos) – com a vinda dos europeus para a América Latina, de certo modo – serem corpos controlados. Já por uma segunda perspectiva, a teopolítica tornar-se egopolítica nesse sentido exatamente porque os corpos teológicos controlam os corpos por meio de uma egopolítica (cristã) que faz com que os corpos sob os controles cristãos se voltem, por exemplo, para os padrões de corpos controlados tecnológica ou tecnocolonializadamente. Estas, por meio, por exemplo, do en-cobrimento dos corpos com roupas já que os corpos são tornados puros pecados.

Nesse sentido estou colocando a ideia a partir de produções de arte, de culturas e de conhecimentos produzidos em contextos tecnológicos, seja qual for a linguagem artística, por exemplo, mas seja ainda quaisquer que forem a cultura ou a forma de produzir ciência que o fazem análogos ou usando exclusivamente das tecnologias eletrônicas ou virtuais, mas também que usam das demais tecnologias todas que estão aqui sendo pensadas. Pois, tecnologias no âmbito desta discussão epistemológica em construção estão sendo considerados todos e quaisquer complementos alheios aos corpos para que os corpos produzam arte, cultura ou conhecimentos (padronizados ou não). Assim, tudo que desnaturalizou o corpo que hoje complementa e em alguns casos virtualiza nosso *bios+geo+gráfico* me é de interesse para compreender esses corpos produtores de arte, de cultura e de produção de conhecimentos na contemporaneidade.¹⁰ Neste sentido, falo de um figurino para um ator ou um bailarino, falo dos pincéis para um pintor, de uma iluminação que interfere na construção de imagens, obviamente falo igualmente de aparatos eletrônicos ou virtuais acoplados aos corpos, mas também falo de artifícios tecnológicos que se colocam aos corpos na produção de arte nas culturas especialmente exteriorizadas aos projetos moderno e pós-moderno que nem sempre são circunscritos aos contextos *biogeográficos* desses corpos da exterioridade que sempre ocupam lugares de fronteiras.¹¹

¹⁰ Sobre “nosso” *bios+geo+gráfico*, me refiro à lógica epistêmico-crítica-fronteiriça da *biogeografia*: *bio*=sujeito/corpo; *geo*=espaços; *grafia*=narrativas que tenho discutido faz mais de 15 anos em diferentes produções bibliográficas, artísticas e na docência.

¹¹ Nesta última questão estão implícitas as tecnologias que obrigam aos corpos das exterioridades a vinculação às tecnologias, essas nem sempre (em muitos casos quase nunca) ofertadas os seus acessos, como condição para inserção desses corpos (na arte, na produção cultural ou na produção de conhecimentos) aos contextos estabelecidos, por exemplo, de sistemas das artes, de culturas e para a produção de conhecimentos que não são acessíveis à grande maioria dos corpos dos contextos excluídos da modernidade e/ou da pós-modernidade na contemporaneidade. Neste caso, me refiro, por exemplo, aos museus, galerias, fundações culturais (por meio dos seus editais) que criaram as coleções observáveis, falo de universidades e/ou escolas que são delimitadas quase na totalidade por perspectivas disciplinares, e, claro, por meio dessas, estou considerando produção de conhecimentos a ciência cartesiana.

Por estas razões apresentadas e outras que virão é que as discussões são necessárias sobre os corpos tecnológicos, corpos tecno(lógicos), corpos tecnocolonizados ou corpos que não querem se submeter à tecnocolonialidade, nas produções de arte, por exemplo, mas nas culturas e para as produções de conhecimentos também que não se vinculam na centralidade da modernidade/colonialidade, esta como condição dos corpos na contemporaneidade, e que acabam sendo debates fundamentais. Do mesmo modo, essas discussões de perspectiva descolonial sobressaem-se em importância à medida que mesmo os pensamentos teóricos-críticos que se intitulam muitas vezes de pós-modernos ou de contemporâneos ainda assim estão presos às amarras da modernidade de uma forma ou de outra por meio de reflexões que definem os corpos humanos da atualidade, por exemplo, de corpos “andrógenos”, “tecnológicos”, “transumanos” (BRETON, 2015) que então vinculam a condição de existência do corpo às tecnologias mais maquinicas da contemporaneidade.¹² Mas, ainda, algumas abordagens que debatem os corpos circunscritos às tecnologias contextuais, “corpomídia” (GREINER; KATZ, 2005), por exemplo, que não querem os corpos livres de uma ou de outra situação tecnológica, e ainda as colocações que compreendem os corpos em situação de convivalidade com as tecnologias também reforçam tais discussões sobre corpo e tecnologia na atualidade.¹³

¹² Esta questão ancora-se muito das discussões de Walter Mignolo (2003) acerca das ideias de paradigma outro e de desrupção – quando o autor afirma que, “portanto, “um paradigma outro” não é um “paradigma de transição”, mas um “paradigma de desrupção”” (MIGNOLO, 2003, p. 22, tradução livre minha) (“Por ello, «un paradigma otro» no es un «paradigma de transición», sino un «paradigma de disrupción»”. (MIGNOLO, 2003, p. 22).). Ou seja, ambos são o que levam a um pensamento epistemológico outro, não a continuidade de pensamentos lineares ainda que os quebrassem a lógica da linearidade dos pensamentos anteriores, mas que continuam a mesma tendência paradigmática epistêmica apenas provocando rupturas naquele: criação de caminhos estratégicos tomados para retomar as mesmas ideias em continuação. Neste caso, portanto, é que Mignolo também vai reforçar que “Assim, a colonialidade era (e ainda é) a metade complementaria e perdida da biopolítica” (MIGNOLO, 2017, p. 8) porque esta continua a colonialidade, certamente entendida como resultado daquela colonização histórica continuada (QUIJANO, 2019) que, por sua vez, tem na biopolítica o reforço de continuação (por ser apenas ruptura) ao reconhecer as forças dos “Estados-nações emergentes” como a provável hora e vez da biopolítica. Evidentemente um paradigma outro ou a desrupção são necessários porque vemos que a força dos Estados-nações não passou, claramente na contemporaneidade como percebemos esses controlando aos corpos (pelo trabalho, o sexo, controlando a lógica de gênero, etc), com a continuação de mais do mesmo: os corpos controlados, por exemplo, no passado por meio da cristianização, agora pela tecnologia constituída desde a invenção da modernidade amparada pelo cristianismo, continuam sobrevivendo sob a tecnocolonialidade.

¹³ Essas premissas epistemológicas todas (moderna, pós-moderna, contemporânea e de desrupção como a descolonialidade) são fundamentais serem refletidas na contemporaneidade especialmente considerando o estado de pandemia que, como dito, reforçou o uso das tecnologias, em todos os seguimentos sociais contemporâneos, de modo muito mais incisivo. Mas também devem ser consideradas levando em conta a perspectiva de observação onto-fenomenológica euro-norte-hegemônica que sempre fora aplicada sobre as práticas, sujeitos e lugares alheios à Europa e aos Estados Unidos e também externos aos centros tecnológicos asiáticos, por exemplo. Do mesmo jeito, uma rápida observação pela ótica marxista (materialismo histórico-dialético) já deveria evidenciar a problemática da tecnologia como “simples” amparo aos corpos para o

Tudo isso se coloca porque a grande maioria das matérias e filmes que circulam – pode-se dizer com cunhos sempre muito exaltados na Ficção Científica enquanto mundos tecnológicos –, sejam nos antigos ou nos mais recentes, têm fundo das discussões uma relação direta entre corpo e emoção: corpo humano e subjetividade *versus* corpo robótico e inteligência artificial.¹⁴ Muitas vezes ambos, matérias e filmes se apegam mais à ficção enquanto melhor possibilidade de discussões dessa questão. Mas, obviamente, os vários outros aspectos relacionados às discussões entre humanos e robôs estão circunscritos na possibilidade de um ser o outro ou do humano usar-se do robô para a produção de tudo com qualidade inteligentia daqueles, mas dos robôs com o poder de raciocínio emocional do ser humano. Nessa ordem as ficções (científicas ou não) demonstram por meio de previsões futurísticas a junção entre máquina e homem alarmando problemas ou vantagens para o homem. Entretanto, no caso das minhas discussões a respeito da tecnologia como artifício dos corpos humanos, priorizo um debate que se circunstancia da tecnocolonialidade imposta aos corpos humanos. Certamente, nem sempre por uma visão otimista, mas a fim de evidenciar as problemáticas – entre corpos e sensações – que circundam a questão. Quero entender e discutir porque a condição tecno(lógica) ao corpo humano é, de certo modo, tão insistente, cada vez mais, desde a ideia de ocidentalização do mundo em que o corpo foi perdendo espaço para as máquinas.

2 ABORDAGENS TECNO-LÓGICAS SOBRE CORPO HUMANO E CORPO TECNO(LÓGICO)

O corpo ocidental vive hoje sob o império emergente da tecnologia virtual, na verdade desde que a internet se tornou aparato de convivialidade, o corpo é exposto em canais virtuais de modo midiaticado. Na arte, nas diferentes linguagens; na produção do conhecimento, em ambientes formais ou informais da Educação e em contextos socioculturais diversos. Se o corpo não é ex-posto é quase um corpo-morto. Então, o corpo está ali presente como se fosse um objeto abstrato alheio ao próprio “suporte” entendido como corpo. Também na atualidade, várias leituras ou compreensões sobre esses corpos

trabalho. Neste sentido, as abordagens feitas ao longo das histórias das tecnologias como recursos igualmente são consideradas. Entretanto, no caso da abordagem da tecnologia como uma tecnocolonialidade que faço, considero a precariedade de acesso ou a exclusão de qualquer acesso às tecnologias para a grande maioria da população brasileira. Neste caso, portanto, levo em consideração para minhas discussões a minha ambientação *biogeográfica* que se circunda na docência, na prática artística e também na produção de investigações sobre a arte e a cultura em contextos diferentes.

¹⁴ Evidentemente não posso deixar de dizer que a “bola da vez” acerca da tecnocolonialidade é, simplesmente, ou já foi (porque com a tecnologia as coisas passam ainda mais rapidamente), um enorme susto muito evidente nas mídias neste ano de 2023. Falo da “IA – Inteligência Artificial”. Claro, não tenho ainda nenhuma formulação a respeito para dizer que é ou não prioridade das minhas discussões. Mas, também, não posso deixar de dizer que já estive refletindo acerca de e, talvez, essa venha a ser a 4ª das partes desta discussão sobre tecnocolonialidade e desumanização (pela virtualização) dos corpos.

virtuais ou tecnológicos vêm à tona considerando a perspectiva que se quer compreendida dessa relação entre corpos e tecnologias. Na introdução das questões aqui colocadas deve ter ficado evidente que tecnologia está para a reflexão como tudo aquilo que é “acoplado” ao corpo biológico e que, de modo bom ou ruim, acabam por ser uma atualização desses corpos ou é um artifício que coloca esses corpos em dependências dessas tecnologias.¹⁵ Nesse caso, diferentes interpretações, na verdade diferentes desejos e realizações acerca do corpo com a tecnologia, nos possibilitam várias empreitadas entre esses corpos que (sobre)(con)vivem em contextos tecnológicos.¹⁶

O transumanismo desenvolve um “tecno-profetismo”, uma nova religiosidade, uma via de salvação para libertar o homem de seus antigos limites. A doença, o cansaço, o envelhecimento, a fragilidade, a morte serão eliminados, e o cérebro verá suas capacidades expandidas ao infinito graças às memórias informáticas que darão a todo indivíduo um conhecimento imediato das línguas, das técnicas, das possibilidades sensoriais desmesuradas, uma saúde eterna, etc. As tecnologias libertarão o homem das limitações corporais, quer sejam biológicas, quer culturais. Elas, as tecnologias, não são mais concebidas unicamente como exteriores ao corpo, mas elas vêm para substituí-lo, para transformá-lo em um instrumento mais eficaz, para eliminar funções inúteis, etc. (BRETON, 2015, p. 17).

As perspectivas teóricas pós-modernas relacionadas às discussões do e sobre o corpo me parecem que sempre se acercaram das referências às tecnologias, especialmente em relação às artes, mas também em relação à educação ou às “leituras analíticas” que debatem culturas, vinculando o corpo como um produtor de arte, de cultura e de conhecimentos dependente da tecnologia.¹⁷ De certa forma, essa dependência, vista como uma *beneficie* ao corpo humano, é considerando sempre a relação do corpo que constitui arte, cultura e conhecimentos fazendo uso na totalidade ou que seja em parte das tecnologias disponíveis pelos sistemas eletrônicos, mecânicos e agora virtuais. Logo, o corpo humano, na perspectiva pós-moderna *transumanista*, por exemplo, reconhece e enaltece a sobrevivência do corpo se vinculado à tecnologia como esse aparato complementar

¹⁵ Ainda que tardiamente, cabe dizer que não sou e nem nunca quis ser um especialista em tecnologia. A minha discussão está ancorada à ideia da presença incontestada para muitos da tecnologia como mediadora da vida na contemporaneidade. Pois, ao certo, aqueles que compreendem a tecnologia única e exclusivamente como artifício benéfico aos corpos contemporâneos, aliás, desde a modernidade, como já fiz questão de colocar, devem, provavelmente, ser aqueles que têm acesso a todas as melhores condições para ser um corpo tecno(lógico): equipamentos de últimas gerações, recursos financeiros disponíveis ilimitados, disponibilidade de tecnologias que devem dar acessos sendo acessáveis velozmente, etc.

¹⁶ Aqui me refiro à corpos que “(sobre)(con)vivem” porque estou considerando os corpos disponíveis e os que têm a tecnocolonialidade como imposição: logo, corpos que sobrevivem e/ou corpos que convivem.

¹⁷ Como se agora o corpo vivesse apenas se vinculado a alguma tecnologia, mais eletrônica e virtual, as referências pós-modernas estão sempre ligando o corpo humano com deferência a necessária dependência da tecnologia. De certo modo, desde o advento da modernização, também já fiz questão de evidenciar, o corpo não mais viveu sem obrigação de vínculos à tecnologia. Entretanto, proponho discutir a tecnocolonialidade do corpo exatamente porque a maioria das tecnologias continua inacessível para a grande maioria dos corpos.

obrigatório, indispensável, e até de salvação para retomar a ideia de colonialidade/modernidade. Pois, ainda que consideremos o corpo impossível de se desvincular da tecnologia – especialmente daquela totalidade tecno(lógica) que estamos compreendendo aqui – o corpo na perspectiva da tecnocolonialidade não precisa dessa dependência tecnológica, mas na visada do transumanismo (quase “tecnorromânticos” (REIS, 2018)) é perceptível que o corpo se não salvo pela tecnologia não pode existir.

Considerando a construção do corpo, nas artes e na educação, subjacente ao pensamento moderno europeu erigido com o advento do projeto de colonização/modernização do mundo ocidental – consolidado na tríade raça, classe e gênero – que ainda hoje é reforçado pela colonialidade do poder implícita à lógica de que existem línguas, fé e ciência oficiais que tem ramificação no padrão colonial, sempre, da pré-história à contemporaneidade, esse padrão subjetivo de corpo está vinculado a “tecnologias” para atualização em contextos e situações diversos. Neste caso, evidencia-se que a visada pós-moderna – complementar da visão moderna de mundo sem ser uma desrupção daquela – permanece ancorando a colonialidade do corpo agora na tecnologia: tecnocolonialidade.¹⁸ Isso, de certo modo, reforça e garante o velho domínio dos corpos técnicos sobre os supostos corpos não-técnicos nos padrões da técnica por aqueles estabelecidos.¹⁹ Do mesmo jeito, o corpo não tecnológico, de certo modo, não pode ser um corpo salvo e, por isso, é e deve ser um corpo desconsiderado/excluído/martirizado – crucificada – porque não dominam a tecnologia.

Quer dizer, desde que foi criada a ideia de que o corpo é lugar exclusivo do pecado, as tecnologias passaram a fazer parte da construção do que se compreende por corpo no Ocidente: um corpo controlado pelo poder que deve ter que ser “crucificado” para ser salvo. Rapidamente, por exemplo, vestiram-se os corpos do pecado e por isso os corpos não

¹⁸ A desrupção proposta pelo pensamento descolonial não me parece ter em nada a ver com o conceito de desrupção colocado nas discussões (COELHO, 2019; REIS, 2018) sobre tecnologias virtuais. Primeiro porque a desrupção, como já dito, está para um pensamento epistemológico enquanto um pensamento da “sociogênese” (FANON *apud* MIGNOLO, 2017a) que emerge de culturas das diferenças coloniais (“*anthrópofas*”) desconsideradas pelo pensamento colonial moderno europeu. Enquanto, da ótica descolonial, entendo a desrupção no pensamento epistemológico tecnológico pós-moderno como uma continuidade da colonialidade emergente com a colonização (assim como sinalizei ver também a *biopolítica*), mas agora por meio do artifício da tecnologia que está, igualmente, sob o controle das mãos das mesmas culturas que estabelecem poderes hegemônicos há séculos.

¹⁹ O corpo que é magro por isso pode dançar balé, por exemplo, mas é também o padrão da moda, da gastronomia, das culturas brancas e letradas. O corpo que domina o fazer tecnológico – na saúde, no trabalho, na produção cultural, na ciência, entre muitos outros lugares – porque tem acesso a melhores laboratórios de altas tecnologias. Esses, entre muitos outros corpos “esculpidos” dentro dos padrões estabelecidos, supostamente suplantam aos corpos que dançam outras danças, que vestem, comem ou que são de culturas com cútis diferentes (por serem negros, pardos, amarelos, entre outros), de sexualidades e gêneros diferentes e divergentes dos padrões, corpos todos/as/es que são desqualificados por não serem tecno(lógicos).

podem ser natureza e devem ser naturalizados ainda que tecnologicamente. Pois falar de corpo tecnológico atualmente é o mesmo que falar da presença provisionada, do filme ou das matérias aqui apresentadas, daquele “corpo robótico humanizado” como sucesso no presente. Os mesmos comentários valem para os corpos espalhados (espelhados no Ocidente) pelo resto do mundo. Assim, a tecnologia tem atuado compondo esses corpos que são denominados de “andrógenos”, “tecnológicos”, “transumanos” (BRETON, 2015) porque se vinculam às tecnologias descobertas pelos homens modernos, pós-modernos e contemporâneos que privilegiam as lógicas de continuidades ao invés de *desrupções*.

O transumanismo é uma forma de fundamentalismo tecnológico que ocupa o lugar das antigas grandes narrativas e notadamente da falta de investimento nos grandes sistemas religiosos, para prometer porvires encantados, e para prometer, até mesmo, a imortalidade. Mas dessa vez, a salvação não vem mais de um Deus, e sim da técnica. Uma técnica inteiramente concebida como dedicada ao bem da humanidade (ou sobretudo da pós-humanidade), ou como dedicada à raras fortunas privilegiadas as quais teriam os meios de lucrar com as técnicas posta às suas disposições.

Através de um imaginário neognóstico, o corpo é concebido, nesse discurso, à imagem da relíquia indigna de um (*sic*) condição pós-humana da qual o reino se anuncia. Ele é um entrave ao desenvolvimento fulgurante das máquinas, crime de lesa-majestade. O movimento trans-humanista está convencido, em seu todo, de que uma humanidade que atinja a capacidade de se transformar profundamente a si mesma é perfeitamente livre do corpo. (BRETON, 2015, p. 19).

Baseando-se na mesma lógica e mapa conceitual da salvação, o corpo transumano, trocando Deus pela técnica, tem na perspectiva o que acaba por contemplar, na lógica da contemporaneidade, os mesmos corpos preparados para o fazer artístico, por exemplo, ancorando-se nos mesmos pressupostos modernos. A busca é pela perfeição, repetível, igualmente praticada por aqueles que dominam a técnica que tem, quase sempre, formulação em um corpo preparado pelos próprios sistemas que criam as técnicas. Nesse sentido, é possível dizer, portanto, que essa suposta salvação do corpo tecnológico para o corpo humano que deixaria de sofrer é – já que aquele desconsidera a totalidade em humanidade pela preferência da tecnocolonialidade cada vez maior dos corpos – realizada com a intenção de ser corpo tecno(lógico) que reconhece a produção de arte, de cultura e de conhecimentos apenas se o corpo o faz por meio das técnicas das tecnologias que controla corpos *outros*. Essas, por sua vez, o são tecnologias maquinicas que reforçam o despreparo e a falta de possibilidades dos corpos da natureza, por exemplo. Pois, o corpo humano, nessa lógica, é um corpo desprovido de função sem a técnica ou sem a tecnologia. Logo, é e deve ser sempre um corpo que sobrevive apenas se subsidiado à tecnocolonialidade cada vez mais atualizada graças aos recursos tecnológicos inventados.

A mesma preposição e continuidade é possível fazer para os corpos em situação da Educação. Pois, de uma forma ou de outra, o corpo que não aprende e/ou apreende o conteúdo – agora não restrito somente ao conteúdo tecnológico –, mas os conteúdos tratados de modos tecno(lógicos) para corpos que devem ser disciplinados, aqueles conteúdos sob a ótica da tecnocolonialidade (como indispensáveis aos corpos colonizados),

são, literalmente, corpos descartados aos anos de repetência de conteúdos estabelecidos. Ou, quando não isso, considerando a necessária numérica quantitativa da Educação brasileira em várias das suas instâncias – pública ou privada –, a continuidade de colonização dos corpos por meio das tecnologias e suas tecnocolonialidades, dispensam professores/as, alunos/as e até dirigentes e outros/as que não se curvam às tecnologias como essenciais para existirem sobrevivendo dentro dos contextos escolares e/ou universitários. Os aparatos impostos de tecnologia – computadores, vídeo aulas, recursos midiáticos, entre outros – levam à exclusão de seres humanos que não se dispõem, ainda que involuntariamente, mas mais porque não dominam, à tecnocolonialidade.

A velocidade, o alcance, as facilidades e as possibilidades do digital são tão superlativas e surpreendentes que interferem em tudo, até no conceito de humanidade. O que é mais humano: um androide que sabe conversar, andar e cuidar de pessoas ou um corpo modificado por anabolizantes, próteses e chips, com desempenho físico digno de uma supermáquina?

A tecnologia tem o poder de nos impactar para além de seus objetivos e funções inicialmente previstos. Provoca “efeitos colaterais” que, a essa altura, já são nosso modo de funcionamento “original” no mundo. Ela transforma nossa dinâmica corporal (a agilidade dos dedos, as costas curvadas e a vista cansada por interagir com telas e teclados são exemplos disso), afetiva (relação com o tempo, sociabilidade e empatia) e cognitiva (concentração e memória). (REIS, 2018, p. 48).

A tecnologia tem tentado, e de algum modo e em muitos casos tem até conseguido, suprir a existência do corpo físico como corpo existente. Exemplo disso são as redes sociais que vislumbram e ocupam, em muitos momentos também, cada vez mais os instantes físicos e presentes de muitos corpos no contexto social atual. De certo modo, a tecnologia tem conseguido, por meio das redes sociais, por exemplo, mas não somente, manter uma falsa aproximação, ainda mais como vimos no momento de pandemia com o isolamento social necessário, entre as pessoas que pactuavam das mesmas redes de exposição. Entretanto, quando nos expomos em redes sociais é nossa vida virtualizada que é exposta. Não é a vida biológica, vamos dizer assim, que ocupa aquele lugar de exposição. Por mais que a biologização do corpo “virtual” vem à tona em alguns casos. Ou seja, a exposição nas redes sociais é uma vida formulada, manipulada, improvisada e inventada tentando ser o que não se é para ex-posição para o outro ver o que quer que seja visto. Mais uma vez, por exemplo, a ausência do abraço provocado pela pandemia também evidenciou a frieza das redes sociais – do meio virtual e das máquinas, IOS ou Android – que sequer já tiveram sensação de aproximação igual inventada. Por mais que a ideia de aproximar os mudos diferentes seja uma premissa primeira dessas tecnologias eletrônicas e virtuais e de virtualização dos corpos.²⁰

²⁰ Faz bastante tempo venho questionando, especialmente, com alunos/as/es esta lógica de suposto acesso nosso às tecnologias: a aparelhos lançados num dia nos Estados Unidos e/ou na China e Japão e, no dia seguinte, nos estarem disponíveis; o suposto acesso às redes tecnológicas – internet, fibras óticas, 3, 4 ou agora 5Gs como nos ludibriam as operadoras de telefonia celular, tvs à cabo e/ou internets de supostas altas velocidades –; entre muitas outras situações que dependem exclusivamente de disponibilidade ilimitada de recursos financeiros ou, quando muito, de longos carnês de financiamentos e/ou parcelas em cartões de

Um corpo que hoje não se adere às diferentes tecnologias impostas pelos sistemas políticos, estabelecidos pelas mesmas políticas que dizem que a tecnologia beneficia – redes sociais, mídias, aparelhos eletrônicos, internet, entre outros – é um corpo inexistente. Logo, um corpo sem Educação tecnológica parece ser um corpo improvável de existência na atualidade. Do mesmo modo, um corpo artístico sem aparatos tecnológicos eletrônicos parece não ter lugar de inédito no Sistema da Arte. Não diferente, o corpo teórico que não vê a tecnologia como in-colonial, parece desprover a única possibilidade de salvação de corpos tecnocolonizados. Pois, de certo modo, um corpo que não consome tecnologia imposta pelos sistemas tecnológicos é um corpo sem tecnologia. É, deste modo, um corpo sem (técnica)lógica. Logo, é um corpo que não faz dieta é um corpo sem tecnologia para as pesquisas de saúde, um corpo que não atende às necessidades impostas aos corpos técnicos para o trabalho e, portanto, torna-se aquele corpo gordo demais, alto demais – fora dos padrões – que é um corpo destecnológico. Um corpo descartável para os sistemas tecnológicos que deveriam dar acesso aos corpos que nunca tiveram acessos. Mas que agora são excluídos porque não têm máquinas tecnológicas ideias, ou redes com velocidades rápidas para acessos, ou corpos que não têm sequer condições de acessarem um ou outro porque não sabem, não dominam as técnicas das tecnologias inventadas. Neste caso, esses corpos precisam, emergenciam e acabam por se tornar corpos que precisam, de um modo ou de outro, se subjugarem à tecnocolonialidade para sobreviverem.

3 BREVES (E PROVISÓRIAS) CONSIDERAÇÕES

Por meio de uma construção epistemológica que se fez de um “coquetel científico” (GREINER; KATZ, 2001), a abordagem do corpo considerando as reflexões que contemplam o “corpomídia” (GREINER; KATZ, 2005) se constituiu para discutir a relação corpo-contexto-corpo. Dessa abordagem, que não estaria aqui restrita na ideia de tecnologias enquanto recursos tecnológicos eletrônico, robótico ou virtual, me interessa o fato das autoras considerarem também, como sendo “mídias” para o corpo, tudo que esteja em volta do corpo em contexto geográfico. “As informações do meio se instalam no corpo; o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que o leva a propor novas formas de troca” (GREINER; KATZ, 2001, p. 71). Esse “corpomídia”, por exemplo, em que “Meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças” (GREINER; KATZ, 2001), entre outros corpos que usam das tecnologias para autoconstrução e autorreconhecimento ou construções e reconhecimentos em contextos múltiplos de arte, de cultura e de produção de conhecimentos, de certa forma, adaptando-se e adaptando, precisam ser discutidos à medida que me interessa e preocupa-me como essas geografias, narrativas e biografias (*corporas* da exterioridade aos projetos

créditos em longos prazos. Tudo isso, por exemplo, para mim deve ser questionado em um estudo sério da situação real do Brasil acerca de tudo que se vincula (ou tenta) à tecnologia sem considerar, se possível o for, a tecnocolonialidade.

moderno e pós-moderno) são percebidas/entendidas/representadas/sentidos, por exemplo, na contemporaneidade pelos artistas, críticos e historiadores das artes.²¹

Pois, o corpo, me parece, nunca pode ser por si próprio estado/espço de construção/autorreconhecimento ou de construções/reconhecimentos das suas ações enquanto corpo des-tecnológico, vamos dizer assim. Haja vista que sequer o corpo nu em cena, por exemplo, é respeitado, em muitos casos, como figurino. Do mesmo modo, já na Era Digital como recurso “tecno(lógico)” (RODRIGUES; BESSA-OLIVEIRA, 2019a) *no* corpo – como um corpo que se espelha/assemelha e se completa e complementa com a/na/da tecnologia – é relativamente recente (20/30 anos graças a internet) que o controle sobre os “corpos primitivos” (RODRIGUES; BESSA-OLIVEIRA, 2019a) se dão, mas também têm se ampliado. Pois, até aqui, um corpo primitivo é Pré-história e corpo tecnológico modernidade construídas/construções. Aquele corpo que não se vale da tecnologia é, na melhor das hipóteses, um corpo des-tecnológico que não acompanha à modernização e por isso é ultrapassado – amorfo – e não carece de salvação. É afirmativo dizer, neste sentido até aqui suscitado, que desde a submissão do corpo à tecnologia, desde que o corpo deixa de ser tomado única e exclusivamente como se nasce, que no pensamento ocidental ocorre desde a Era das pedras e é presente ainda na “Era” das redes sociais, graças ao nascimento do Salvador que retrocede o pensamento ocidental (“ano 1” (TARSIA, 1995)) para controle dos corpos e das subjetividades nas colônias especialmente.

Então, minha questão acerca do corpomídia nem sequer é totalmente problemática, pois, entendendo-a como um aparato para perceber corpos diferentes ela chega ser importante. No entanto, sem a diferença, sequer um corpo que se relaciona com seu entorno – se mudando e propondo mudanças (um no outro; um com o outro; um em relação ao outro) –, mas um todo sociocultural, pode ser um grande problema se os meios, corpos, narrativas – fazeres em relação à arte, à cultura e aos conhecimentos – não forem percebidos como diferentes nas suas especificidades (diversidades), como digo, *biogeográficas*. Logo, corpocomomídia, vou suscitar esta grafia, talvez encampe a ideia da compreensão das tecnocolonialidades da tecnologia em discussão. Pois, como mídia esse corpo estará atento ao enunciado das tecnologias e anunciará, no mesmo sentido, os efeitos

²¹ Como em sendo professor de disciplinas na graduação e na pós-graduação que lidam com a formação de professores – licenciaturas – e com as pesquisas sobre Arte e Educação, e, ainda, investiga práticas artístico-culturais situadas em suas localidades como “regionalidades”, é preciso que eu considere esta preocupação entendendo a lógica da influência “técnico-lógica” migrada dos países europeus e/ou dos Estados Unidos para o Brasil e, quiçá, para toda a América Latina em seus países aos Suls. Pois, me é muito evidente, não restrito ao/à/e alunado/a/e, as lógicas tecnológicas da tecnocolonialidade imperando em proposições sobre essas condições: artista-docente-pesquisadores que se veem submissos – sem sentirem-se como tais – às tecnologias e suas tecnocolonialidades. Mas detalhada e detidamente, talvez seja melhor considerar miradas minhas futuras acerca das tecnologias e suas tecnocolonialidades nesses contextos especificamente.

das tecnocolialidades impostas aos corpos em que a mídia esteja, muitas vezes, irrestrita às lógicas tecno-lógicas como únicas alternativas de sobrevividas.

Assim, este trabalho pretendeu discutir, a fim de dar continuidade à primeira parte já apresentada, esse corpo na arte e na educação que subjaz a colonialidade tecnológica: *biotecnologia*.²² Talvez este seja um termo também bom! E ao assumir este lugar da colonialidade tecnológica, chamei à discussão todo e qualquer aparato – social, político, econômico, cultural (tecnológico ou estrutural) – que supostamente é complemento do corpo para a criação, por exemplo, na arte, nas suas diferentes linguagens, mas o é também suporte para escora do corpo na educação em relação à produção de conhecimentos. Assim, este trabalho não quis ou quer se inscrever neste ou naquele repertório de criação artística, linguagem ou técnica, menos ainda em teoria metodológica educacional para aprender ou apreender-se e ser apreendida por meio do corpo se deve ou não, também, ser tecnológico. Haja vista que busco um des-controle sobre os corpos da atualidade que vivem ainda a colonialidade controlando-os. Logo, falo por um corpo que sobrevive sob o (des)controle tecnológico, mas sem ser “tecno(lógico)”, porque quer voltar a ser um “corpo primitivo” (RODRIGUES; BESSA-OLIVEIRA, 2019a) que reconhece a tecnocolonização (BESSA-OLIVEIRA, 2019) do corpo no século XXI e que escapa à virtualização e à desnaturalização de si, mas que não escapa à tecnocolonialidade que virtualiza o corpo da arte e da educação em contexto contemporâneo de produção, mas que tem consciência dessas para conviver como pode.

Ambos, corpo, tecnologia, arte, educação e cultura estão, no Ocidente, ainda na atualidade, ancorando-se em teo e egopolíticas que deslegitimam as *corpo-políticas* de lugares que não se querem vivos apenas pela relação com a tecnologização/tecnocolonização/tecnocolonialidade. Mas, de certo modo, corpos, tecnologias, artes e modos de produção de conhecimentos e culturas estão, de forma impositiva, sendo atrelados às mesmas políticas de ser e tempo (ontológica) – gênero, raça e

²² **“Afinal, o que é Biotecnologia?”** A Biotecnologia é um ramo da ciência que aplica os conceitos da moderna engenharia genética na geração de novos produtos na agricultura, nos processos industriais ou na medicina. Na agricultura, por exemplo, o principal resultado da biotecnologia são as plantas geneticamente modificadas que ficaram conhecidas no jargão popular como plantas transgênicas. A palavra Biotecnologia só foi adotada recentemente. Contudo, já há muito tempo o homem conhece e domina alguns processos biológicos com o intuito de produzir algum produto que o beneficie. A fermentação é um exemplo muito evidente disso. Registros históricos mostram que desde 1800 a.C já se fazia vinho e outros tipos de fermentados. A Biotecnologia atual envolve principalmente o uso do DNA, ou ADN na sigla em português. A descoberta da estrutura básica da molécula do ADN em 1953, pelo norte-americano James Watson e pelo britânico Francis Crick, possibilitou avanços muito significativos na área da biologia molecular e, consequentemente, no conhecimento dos genes e das suas funções básicas.” Disponível em: <https://www.embrapa.br/recursos-geneticos-e-biotecnologia/sala-de-imprensa/se-liga-na-ciencia/a-biotecnologia-e-voce#:~:text=A%20Biotecnologia%20%C3%A9%20um%20ramo,processos%20industriais%20ou%20na%20medicina>. Acesso em: 10 Jul 2023.

classe, línguas, fé cristã e a ciência moderna – como obrigação de Ter que ter para ser, que emergiram graças ao projeto moderno europeu, e, igualmente, estão vinculados às biopolíticas que reforçaram os poderes dos Estados-nações, econômico de globalização estadunidense que, ilustradas, dão as diretrizes de mercado, consumo, trabalho, sexo e de poder ter ou não ter o direito de conviver tendo que sobreviver. Assim, busquei evidenciar que se a virtualização ressalta a exposição do corpo na arte, por meio da imagem ex-posta nas redes sociais, por exemplo, mas não somente, de outra perspectiva a “exposição” corpórea apaga a diferença colonial dos corpos da arte na educação, nas culturas e em situações de produções artísticas que não estariam inscritas na geopolítica do conhecimento produzido por quem, supostamente, pensa os novos aparatos tecnológicos que controlam os corpos das diferenças virtualizando-os.

Logo, expondo-se ou impondo ao corpo a condição de exposição ou de adestramento tecno(lógico), por meio do fazer artístico, da pesquisa sobre o corpo na arte ou na produção de conhecimento em que envolve o corpo na Educação, o corpo contemporâneo e a geopolítica, por meio da tecnocolonização do corpo, é a tecnocolonialidade que provoca a tecno(lógica) de corpos da exterioridade que não vivem submissões a situações tecno(lógicas) dessa teo e ego políticas emergentes no passado para controlar subjetividades. Por fim, para contemplar e prolongar este debate lancei mão de ideias de *retribalização e de renaturalização* conscientes – em que o corpo se volta para a natureza (corpo-natureza-corpo) –, por via da *corpo-política* (MIGNOLO, 2017a) que nem a *biopolítica* foucaultiana contemplou, para desmontar a tecno(lógica) moderna de ser o corpo no tempo (ontológico) e o futuro de corpo-máquina pós-moderno sem emoção, mas para ser corpo, espaço e narrativa (*biogeográfico*) na atualidade *sociogêneseológica*.

REFERÊNCIAS

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. O CORPO E A GEOPOLÍTICA DA TECNOCOLONIZAÇÃO, TECNOCOLONIALIDADE DO CORPO na Arte, na Cultura e na Educação! (1a Parte). In: **Cadernos de Estudos Culturais** – Despoéticas, despolíticas, desobediências, v. 2 n. 24, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13045>. Acesso em: 12 Mar 2022.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **Educação, Tecnocolonialidade, Docência Remota & a Covid-19**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020a.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **Arte Biogeográfica, Processos Criativos & a Covid-19**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2020a. (Livro no Prelo).

BETRON, David Le. “Corpo e transumanismo. Sobre um puritanismo radical”. In: MONTEIRO, Maria Conceição; GIUCCI, Guilherme; PINHO, Davi. (Orgs.). **Eros, tecnologia, transumanismo, figurações culturais contemporâneas**. 1. ed.. Rio de Janeiro: Caetes, 2015, p. 13-34.

COELHO, Teixeira. **eCultura, a utopia final: inteligência artificial e humanidades**. 1. ed.. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural. 2019.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt**. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Por uma teoria do corpomídia ou a questão epistemológica do corpo. **ARCHIVO ARTEA ARTES VIVAS ARTES ESCÉNICAS**, 2005, p. 1-10. Disponível em: <http://archivoartea.uclm.es/textos/por-uma-teoria-do-corpomidia-ou-a-questao-epistemologica-do-corpo/>. Acesso em: 23 Ago 2020.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Corpo e processos de comunicação. **Revista Fronteiras**. Estudos midiáticos. Vol. III, n. 2, dezembro, 2001, p. 65-74. Disponível em: <http://www.helenakatz.pro.br/midia/helenakatz71314110790.pdf>. Acesso em: 19 Ago 2020.

MIGNOLO, Walter D.. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online]. 2017, vol.32, n.94, p. 1-18. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 17 Ago. 2020.

MIGNOLO, Walter D.. Desafios decoloniais hoje. Tradução de Marcos de Jesus Oliveira. **Revista Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu, PR. V.1, n.1, 2017a, p. 12-32. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 27 Fev 2020.

MIGNOLO, Walter D.. “Prefacio a la edición castellana «Un paradigma outro»: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico”. In: _____. **Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Traducción de Juanmari Madariaga, Cristina Vega Solís. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 2003, p. 19-60.

O Exterminador do Futuro - A Salvação. (Terminator Salvation). Direção: McG. Roteiro: John D. Brancato, Michael Ferris. Elenco: Christian Bale, Sam Worthington, Moon Bloodgood, Helena Bonham Carter, Anton Yelchin, Bryce Dallas Howard, Jane Alexander, Michael Ironside. Duração: 115 min. EUA/Alemanha/Reino Unido/Itália, 2009.

QUIJANO, Aníbal. **Aníbal Quijano: ensayos en torno a la colonialidad del poder**. Compilado por Walter Mignolo. 1ª ed.. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019. (El desprendimiento / Mignolo, Walter).

REIS, Abel. **Sociedade.com** – como as tecnologias digitais afetam quem somos e como vivemos. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2018.

RODRIGUES, Larissa; BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **O corpo primitivo contemporâneo da/na margem não tecno(lógica)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Artes Cênicas – Licenciatura, UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2019, p. 1-24.

Disponível em:

http://www.uems.br/assets/uploads/cursos/81f7af02b1a7a7e7107b971c31ea3b4c/tcc/1_81f7af02b1a7a7e7107b971c31ea3b4c_2019-12-13_16-15-08.pdf. Acesso em: 20 mai. 2020.

SITEMEIOBIT. **Cientistas preveem interação entre Andróides e Humanos em 50 anos**, 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/meiobit/35863/cientistas-preveem-interacao-entre-androides-e-humanos-em-50-anos/>. Acesso em: 17 Ago 2020.

TAGIAROLI, Guilherme. **ROBÔS ENTRE O BEM E O MAL. Humanoides devem prolongar nossa marca na Terra. Haverá espaço para criador e criatura no futuro?**. Arte: Marcel Lisboa; Edição: Olívia Fraga; Infografia: Mathias Pape. In: **TAB - UOL - UNIVERSO ONLINE S/A**. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/humanoides/#end-card>. Acesso em: 18 de Ago 2020.

AGRADECIMENTOS

Este texto está vinculado a um Projeto de Pesquisa intitulado “PRÁTICAS CULTURAIS LATINO-FRONTIARIAS: ARTES DE “PAISAGENS”, SILÊNCIOS E APAGAMENTOS EM CENA NA CULTURA SUL-MATO-GROSSENSE”, cadastrado na Divisão de Pesquisa/PROPPI/UEMS, sob o protocolo 277652.1602.1343.05012022, e é vinculado ao Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq.

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada como durante o “III Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura – SEMLACult” realizado em Novembro de 2020, Online, e teve aquela versão publicada nos “Anais | III Seminário Latino-Americano de Estudos em

Cultura – SEMLACult” - Novembro de 2020, Online | semlacu.lt como “Artigos Completos”.
Agradeço ao apoio da PROPPI/UEMS.

Autor – Coordenador do projeto, participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

O autor declara que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.